

A VIDA SINGULAR DE ISADORA DUNCAN

O Dia – 31 de janeiro de 1936.

Isadora Duncan, que viria a ser uma das grandes reformadoras da arte moderna, foi a artista mais original de nosso tempo e o espírito mais revolucionário de nossa época.

Mística, mas de um misticismo que a levava até ao êxtase, Isadora Duncan, dominada de belas idéias renovadoras, com Sarah Bernhardt e Eleonora Duse, formou o trio espiritual que nos começos do século vinte e nos fins do século dezenove havia, com justos triunfos, escoradas na expressão divina da alma humana, dominadas pela “chama intelectual da beleza pura e pela chama candente que o amor atea no coração da mulher”, fazer da arte a própria vida e da vida a síntese suprema e luminosa da realidade cósmica.

Nascida junto ao mar, ela sentiu os seus fluxos e refluxos, o seu vai e vem monótono e inquietante, teve nele o primeiro inspirador da sua dança libertária que, mais tarde, haveria de entusiasmar os povos que primeiro sentiram o contato febricitante de Isadora Duncan. “Nasci junto do mar e já notei que todos os grande acontecimentos de minha vida sempre ocorreram nas suas proximidades. A primeira idéia de movimento da dança veio-me certamente do ritmo das vagas. O mar sempre me atraiu, enquanto que as montanhas me dão um indefinido mal estar e incitam-me a fugir. Elas me trazem uma impressão de ser uma prisioneira

da terra. Quando levanto os olhos para os seus cumes, não experimento a admiração da generalidade dos turistas, mas apenas o desejo de saltar por cima deles e escapar-me. Minha vida e minha arte nasceram do mar”.

Amante espiritual de Walt Whitman, ouviu com o grande poeta americano, sob a inspiração do mar, o hino libertador da América Nova, ansiou pela América livre ouvindo a América cantar. “Eu vi a figura ideal da Mocidade americana dançando no alto das Montanhas Rochosas. O poeta supremo da nossa terra é Walt Whitman. Descobri a dança que é digna dos poemas de Walt Whitman. Em verdade, sou a filha espiritual de Walt Whitman. Para as crianças da América, quero criar a dança que seja a expressão da América”.

Figura extraordinária! Frágil de corpo, intensamente cerebral, quase sempre revelando estupenda genialidade, otimista, cada gesto de Isadora Duncan era a tradução do ideal social e político do último século, pois Isadora Duncan pode ser considerada como a mais interessante figura de mulher do início deste século e dos fins dos século que passou. Veio ao mundo “sob o signo de Afrodite”. Nota de Rousseau e Nietzsche, amante e filha de Whitman, o seu destino estava marcado pela fatalidade. Como Afrodite, vivia sob o signo da fatalidade.

* * *

Andou bem o sr. Gastão Cruls traduzindo este momentoso livro “Minha Vida” de Isadora Duncan. Livro extraordinário. Sincero. Cheio de lutas. Intenso. Cerebral. Emocionante da primeira à última página.

“Qualquer homem ou mulher que escrevesse a verdade sobre a sua vida escreveria um grande livro. Mas ninguém jamais ousou escrever a verdade sobre si mesmo. Jean Jacques Rousseau fez este supremo sacrifício em prol da humanidade – desvendar a verdade de sua alma, suas ações e pensamentos mais íntimos. E o resultado foi um grande livro. Walt Whitman também doou à América o que lhe parecia a sua verdade, e tanto bastou para que o seu livro fosse condenado como imoral. Mas isso já nos parece absurdo, nos tempos que correm. Ainda não houve mulher que dissesse toda a verdade sobre sua vida. As autobiografias

da maior parte das mulheres célebres são uma série de episódios da sua existência exterior, de pormenores e anedotas fúteis, que nada dizem do que lhes foi realmente a vida. E todos guardam um silêncio estranho quanto aos seus grandes momentos de alegria ou de tristeza. Minha arte é precisamente um esforço para exprimir em gestos e movimentos a verdade do meu ser”.

De formação rebelde, Isadora Duncan desde cedo revelou-se um temperamento especial e de profundas tendências revolucionárias. A sua arte era revolucionária. Revolucionária a sua expressão artística. Revolucionária a sua vontade de libertação. Tudo nela gritava por revolução, tudo nela ansiava por completa emancipação do espírito. E nessa autobiografia de Isadora Duncan – transportada para o nosso idioma pelo sr. Gastão Cruls, que, em suas traduções, já de há muito revelou o gosto pelas grandes obras – vê-se com facilidade a artista, lutando pelo predomínio do espírito liberto. “Não me lembro de ter sofrido, em casa, por causa da nossa pobreza, que me parecia natural. Era só na escola que eu sofria. Para uma criança orgulhosa e sensível, o sistema da escola comunal, tal como dele me recordo, era tão humilhante como o de uma penitenciária. Eu vivia constantemente revoltada”.

Não é nada fácil uma reportagem ligeira através de um livro como esse “Minha Vida”, de Isadora Duncan. A sua amizade com Rodin, André Beaunier e D’Annunzio marcou indelevelmente as transformações intelectuais de Isadora Duncan. Aquela frase “procure alguma coisa que o sr. não pode compreender”, dita ao empresário de um **Music Hall** que a queria contratar, é deveras expressiva. E o seu memorável discurso na **Metropolitan House** esclarece as suas convicções: “Edificai um simples e belo teatro. Não há necessidade de revesti-lo de ouro. Não são precisos ornamentos nem estuque. A arte verdadeiramente digna desse nome vem do espírito humano e não pede embelezamentos artificiais. Na nossa escola, não temos guarda-roupa nem cenários. Temos apenas a beleza que flui da alma humana exaltada e do corpo que é o seu símbolo. Dai beleza, liberdade e forças às crianças. Dai arte ao povo, que dela precisa. A grande música não deve ficar por mais tempo reservada à alegria de uma elite privilegiada; deve ser dada

igualmente às massas. Ela lhes é tão necessária como o ar e o pão, pois que é o vinho espiritual da humanidade”. Ela prega pela coletividade o mesmo ideal seu da libertação espiritual. E depois, com a mesma exaltação, grita: **“Sim, deixai-me ser pagã!”**.

“Minha Vida”, a autobiografia de Isadora Duncan, na tradução esmerada de Gastão Cruls, é um grande livro, livro de quadros fortes e pinceladas rápidas. Um livro onde pulsa uma alma americana e um espírito que vibra pela coletividade humana. E esse espírito e essa alma é Isadora Duncan vivendo nas páginas emocionantes de suas memórias.